

O EXCELSO POETA HORÁCIO DÍDIMO IN HISTORINHAS CASCUDAS E O PEQUENO POETA

Nádyá Brito Gurgel Correia Dutra

Imensamente fã da poética didimiana desde o introito deste nosso dinâmico Séc. XXI, a partir das leituras e releituras da inolvidável obra *A PALAVRA e a palavra* (publicada em 1980 e que tivera mais duas edições, tendo sido a última em 2002), à época em que eu ministrava aulas em Cursinhos pré-universitários de Fortaleza, tive a honra da possibilidade deste trabalho ensaístico acerca de duas outras obras do nosso grandioso, grandiosíssimo poeta Horácio Dídimo Ferreira Barbosa Vieira (nascido no dia 23 de março de 1935): *Historinhas Cascudas* e *O Pequeno Poeta*, publicados em 2005 e 2011, respectivamente.

Nosso notabilíssimo Poeta Horácio Dídimo é formado em Direito (UERJ) e Letras (UFC), mestre em Literatura Brasileira (UFPB) e doutor em Literatura Comparada (UFMG). É professor aposentado do Departamento de Literatura da Universidade Federal do Ceará, membro da Academia Cearense de Letras, da Academia Cearense da Língua Portuguesa e membro correspondente da Academia de Letras e Artes Mater Salvatoris (Salvador - Bahia). É célebre poeta, ensaísta e autor de incríveis obras na categoria literatura infantil, como as célebres obras *O passarinho carrancudo* e *Ficções Lobatianas: dona aranha e as seis araninhas no Sítio do Picapau Amarelo* e as duas obras supracitadas escolhidas para desenvolver este singelo ensaio.

Dídimo foi um dos ícones do Grupo SIN de Literatura do Ceará (1967-1968), importante movimento literário ocorrido na cidade de Fortaleza, tendo havido envolvimento inicial de acadêmicos dos cursos de Direito e Letras da Universidade Federal do Ceará que visavam ao sincretismo literário e artístico, naqueles “anos de chumbo”. Os primeiros partícipes do Grupo SIN, também organizadores da antologia “SINAN-TOLOGIA”, foram os grandiosos autores: Pedro Lyra (*in memoriam*), Roberto Pontes e Linhares Filho. Outros grandiosos autores uniram-se

depois ao Grupo SIN, a citar alguns: Barros Pinho (*in memoriam*), Leão Júnior, Leda Maria, Inês Figueiredo e outros grandiosos nomes.

Exímio poeta de multitemáticas e estilos, em *A PALAVRA e a palavra* sobressaem-se, desde o título, o viés vanguardista e visual (despertando-nos para os significantes dispostos de modo incomum, reveladores da dicotomia referente aos seus tamanhos: grandeza *versus* pequenez, em feição concretista), há reiterado diapasão reflexivo acerca do processo metanoico experimentado- ou buscado- por tantos leitores, por tantos seres humanos sensíveis ao poder indelével das palavras de Cristo, quando “PALAVRA” (grafada em caixa alta) e quando “palavra” (em minúscula), condizente com o não sacro e o denotador de pecaminoso. E, em cada poema, solitário em cada página, há um excerto bíblico que o emoldure e fortaleça.

Suficientemente fígada pela produção poética do nosso magistral cearense Horácio (inevitavelmente, claro, nos remetendo ao extraordinário poeta clássico romano nascido a.C.), devido à marcante obra supracitada, senti-me igualmente instigada a ler a obra *Historinhas Cascudas*, sobremaneira pela imediata alusão e homenagem ao nosso ícone nordestino da preservação da mitologia nacional, do nosso universo lendário, o encantador Luís da Câmara Cascudo, potiguar, que vivera de 1898 a 1986, e fora responsável pela pesquisa, catalogação, manutenção das raízes e tradições da cultura popular, tendo sido historiador, folclorista, antropólogo e autor de mais de cem livros acerca da literatura oral brasileira, gestos, “causos” e gentes do interior do nosso país.

Em *Historinhas Cascudas* figuram doze histórias recontadas pelo nosso imprescindível Dídimo: *A história da cabacinha* (Baseada na historinha contada na infância do poeta por sua tia Madá e que apresenta uma releitura sensacional da trama da Chapeuzinho Vermelho. Nesta versão, com ares surreais e telúricos, a Vovozinha consegue escapar do Lobo indo se esconder dentro de uma “cabacinha rolando pela estrada”); *O Elefante e o Passarinho* (História recontada na orelha do livro *Folhas... e mais folhas*, de Rose Aimée Dummar Ary, em 1999, e que permite-nos filosofar acerca das nossas pequeninas contribuições para a diminuição

de sérios problemas, sem hesitações. Assim fizera o pequenino Passarinho, que tentava apagar as chamas do terrível incêndio da floresta levando água no bico, para espanto do Elefante!); *Mestre Jabuti e a Lagarta Pintada* (Baseada na cantiga de Roda Lagarta Pintada); *Xô! Passarinho* (Releitura da historinha “Cantiga da Menina Enterrada Viva”, coligida por Luís da Câmara Cascudo, e que possui desfecho feliz!); *O canto do Passarinho Carrancudo* (presente na obra homônima de Dídimo, publicada em 1980, conta a história de um Passarinho que, depois tanto se perturbar por só saber declamar versos, aprendeu a cantar, de uma hora para outra, ao conhecer a mamãe de uma menina-Fadinha chamada Bia); *As coisas inúteis* (história cujos protagonistas são os lobatianos Visconde e Emília e que nos passam a mensagem da necessidade de cada detalhe da vida.); *A alegria dos peixes* (Com Emília e Visconde de Sabugosa novamente por protagonistas, há nesta história novo teor filosófico: o de sabermos interpretar e valorizar as “felicidadezinhas” da vida); *A Princesa Sisuda* (A história maior do livro e que conta acerca de uma Princesa que vivia casmurra com todos do Palácio e acabara se casando- contrariando o Rei- com um “abestado”, mas que fora o único ser que a fizera sorrir. É uma comprovação da ironia do destino, pois este rapaz, chamado de “Mané Bestão”, tempos atrás havia participado de uma competição para descobrir quem faria a jovem “emburrada” sorrir. Ele havia conseguido, mas o Rei dera-lhe apenas dinheiro, não permitindo que se casassem! O casório só acabara ocorrendo tempos depois, em meio a peripécias muito cômicas envolvendo este Rapaz bobão e seus amigos: um camundongo, uma lagartixa e uma formiguinha! Uma recriação da historinha coligida por Cascudo, em sua obra “Contos Tradicionais do Brasil”); *O domador de macacos* (Recriação da historinha “Três pela manhã”, recontada por Thomas Merton: “A via de Chuang Tzu.”); *O bicho Folharal* (Nesta história, a Raposa por duas vezes ludibria a comadre Onça! Baseada em uma trama contada pela avó materna do autor); *As secas do Ceará* (Transcrição do conto etiológico e coligido por Câmara Cascudo “As causas da seca no Ceará”. Nesta historinha, os dois protagonistas são Santo Antônio e São José e há a alusão ao dia 19 de março, popularmente conhecida como sendo o dia de São José. E o referido Santo externa a pergunta, no

desfecho da história, querendo saber se choveria: “- Antônio, já mandou as nuvens de volta para o Ceará?”) e *A Aranha Nancy* (Recriação da lenda africana da Aranha Ananse. Nesta história, a menina Carlinha indaga da Aranha Nancy o porquê de ela levar, amarrado na cintura, um pote com toda sabedoria do mundo. Disse-lhe que seria mais fácil se ela o levasse nas costas. A aranha, furiosa pela sabedoria da garota, teve tanta raiva que deixou o pote cair, sem querer! A partir deste evento, a sabedoria espalhará-se pelo mundo! E, assim, não haveria no mundo alguém que não tivesse “um tico de sabedoria para compartilhar”).

A escritura didimiana na obra *Historinhas Cascudas* é leve, exala didatismo em cada linha produzida, apresenta comicidade, como em: “Eu tive na festança do casamento e até ia trazendo uns bolos e doces para vocês. Mas a viagem de volta foi tão demorada que eu acabei comendo tudo pelo caminho”, in: *A Princesa Sisuda*, pág. 21; viés reflexivo, como em “Conheço as alegrias dos peixes através da minha própria alegria, à medida que vou contemplando as águas claras do ribeirão”. (pág.17, in: *A alegria dos peixes*); prosaísmo linguístico e elementos constitutivos de telurismo cearense, como em “cabacinha” (Pág. 08, in: *A história da cabacinha*); “abestado” (pág. 20, in: *A princesa Sisuda*); “meteu o pé na carreira” (pág. 23, in: *O Bicho Folharal*); “jangada”, “jangadinha” e “quartinha” (pág. 24, in: *As secas do Ceará*).

Na dadivosa obra *O Pequeno Poeta*, deleitamo-nos com 24 poemas concisos e exuberantemente ilustrados, sendo referentes às mais distintas e convidativas temáticas, e que não são apenas para o público pueril. Não mesmo! Um destes magníficos poemas, o que é intitulado “BALANCETE”, ocupa duas páginas (pois nos exhibe uma apaixonante gangorra, em que de um lado está um dente e do outro, um coração!), o que nos faz pensar que são 25 produções poemáticas, mas é apenas uma disposição das estrofes de modo ainda mais criativo, recreativo.

Predominantemente metalinguísticos, desde a escolha de dez títulos, como: “MINHA GENTE, CADÊ A POESIA?”, “O CHAPÉU DO POEMA ou A CARA DO CARACOL”, “LEITURA”, “O POEMA NÃO TEM PÉ NEM CABEÇA”, “LÁ VEM A POESIA”, “LÁ VAI A POESIA”, “A POESIA É ASSIM”, “A POESIA CALADA”, “DEIXA EU CONTAR

COMO FOI” e “O POETA MUDO”, os presentes poemas de Horácio Dídimo permitem-nos transcender a função da metapoesia e guiam-nos para o universo onírico e enaltecido do otimismo da existência, como no poema “DEIXE EU CONTAR COMO FOI”: “Hoje, renunciei à paisagem,/ Mas intercedi pela beleza das imagens/ Refletidas,/ Para que a realidade malferida/ Pudesse ainda florescer,/ Nas nossas vidas”(Pág. 25), possibilitam-nos apreciar jogos linguísticos contemporâneos, como se quisessem nos remeter ao Cultismo dos tempos seiscentistas do Barroco, porém em uma vertente mais enxuta, ainda que eivada de aliterações, eco ou rimas consoantes e trocadilhos, uma verdadeira paranomásia, como em “aurora/ outrora” (Pág. 08, in: “AURORA”); “avesso/ começo/ apareço” (pág. 16, in: “LEITURA”); “fio/ pavio/ assovio/ rio”(Pág. 17, in: “O POEMA NÃO TEM PÉ NEM CABEÇA”)(...) parecesse/ Aparecesse” (Pág. 26, in: “POIS FOIS ASSIM QUE ACONTECEU”), “Sobretudo/ Sobre tudo.” (Pág. 27, in: “O POETA MUDO”).

Mais fascinante ainda é a sensibilidade e a capacidade autoral em envolver o leitor com o que há de resgatador de suas reminiscências, como quando poetiza acerca da “cantiga de grilo” (pág. 05), suscitando tempos imemoriais ou, simplesmente, revestindo genialmente de nobreza o que seria, em outro contexto, tão simples ou pouco insigne. Ou como quando traz à luz, sob forma de título, uma tão comum e reiterada pergunta: - hoje é “Sábado, domingo ou segunda-feira?”(pág. 11). E, claro, há mensagens imprescindíveis e indelévels que, desde o título, nos conclamam para mudanças de comportamento em relação ao lidar com a natureza... ou com o nosso planeta: “E AGORA, MEU POVO, COMO É QUE VAI SER” (Pág. 28) e que nos tocam a alma com o viés sério e necessariamente apelativo: “Peça perdão ao planeta/ E baixe a crista/ É preciso começar tudo de novo./ Não desista.” (Pág. 28)

Destaquemos, também, outros versos usuários do diapasão injuntivo, imperativo, como se quisessem exemplificar, concomitantemente, a função conativa da linguagem e a sensatez do viver: “Fecha-te, bico!/ Olha-te, cisco!/ Cala-te, boca!” (Pág. 14, in: “O BICO, O CISCO E A BOCA”). Também merecem exaltação os versos anafóricos do poema “QUEM QUISER: Quem quiser que cale o bico,/ Quem quiser que feche a boca,/ Quem quiser que cate o cisco,/ Quem quiser que conte outra.”(Pág.

15). Apresentam unidade temática com o poema anterior: tomada urgente de atitude por parte do eu lírico e se apropriam dos mesmos elementos metonímicos: bico, cisco e boca.

Quando da ocorrência da supracitada metalinguagem poemática, ressalte-se o viés neológico, assonante (pela repetição do fonema vocálico “o”) e antropomorfizante da segunda e última estrofe do poema “O POEMA NÃO TEM PÉ NEM CABEÇA”: “O poema é o fio do pavio do assovio do rio,/ rio-rindo, rio-rindo,/ sem pé nem cabeça”.(Pág. 17) E ao buscarmos ousadia estética, o poema desta obra em voga mais condizente com ares concretistas ou visuais, fazendo-nos aludir, por exemplo, a disposições vanguardistas didimianas em *A PALAVRA e a palavra*, como no poema “luz azul”, em que os versos assumem *layout* totalmente incomum, de modo a formatar uma cruz e, assim, faz-nos lembrar da figura de Cristo. Façamos aqui, então, a transcrição do poema “MINHA GENTE, CADÊ A POESIA?”:

minha
gente
,
cadê
a
poesia
? (Pág. 12)

O poeta, no poema esteticamente ousado acima, apresentou o título compondo/decompondo o próprio corpo poético, letra por letra, pontuação por pontuação, e embora haja a mesma pergunta, o mesmo texto, esta nova disposição, em que todos os componentes estão em evidência, e postos na vertical, como se tivessem se erguido diante de nossas retinas, resta-nos apreciá-los e, quem sabe?, descobrir ainda novas possibilidades para a exegese tornar-se ainda mais robusta, ainda mais mágica, como toda a poética por Dídimo presenteada para todos nós.

E que sigamos, também, com a vivacidade e a tonalidade alvissareira do último poema, “MAIS DIA MENOS DIA”, em que nosso Horácio alencarino nos pergunta: “Vamos fazer uma fezinha, na poesia?” Como não apostar em ato de tamanha grandeza e necessidade? Que

começemos, então, nossos jogos, mas que sejam jogos super positivos, de altas intelecções, onde não há perdedores, e sim desbravadores da Língua Portuguesa, das temáticas e formas poéticas mais dinâmicas. E, parafraseando ainda mais nosso Dídimo, em seu poema “POIS FOI ASSIM QUE ACONTECEU”, em que reina sua verve mística, religiosa e tão plena, percebamos que “Aconteceu/ Para que nada do que apenas parecesse,/ Aparecesse./ E a graça de Deus, afinal, Prevalecesse.” (Pág.26)

Referências

ARAÚJO, F. Sadoc de. *A mensagem de um poeta místico*. In: *Ceará, homens e livros*. Fortaleza, Crecel, 1981.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Contos Tradicionais do Brasil*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1967.

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico de literatura infantil e juvenil brasileira*. São Paulo, Quíron, 1983.

DÍDIMO, Horácio. *A PALAVRA e a palavra*. Fortaleza: Edições UFC, 2002.

_____. *Historinhas Cascudas: contadas ou recontadas em homenagem a Luiz da Câmara Cascudo*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2005.

_____. *O Pequeno Poeta*. Fortaleza: Littere Editora, 2011.

LYRA, Pedro. *Poesia e esperança em HD*. In: *Poesia cearense e realidade atual*. 2. Ed.: Rio, Cátedra/INL, 1981.